**A RESSURREIÇÃO NA REDE:**

**PERCEPÇÕES DA MORTE E MEMÓRIA ATRAVÉS DO *SITE “MY WISHES”***

Vanessa Coutinho Martins[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

A vida em rede vem transformando várias aspectos de nosso cotidiano, configurando novas formas de armazenar e habitar. Consequentemente, a morte e memória vem adquirindo diferentes configurações compatíveis com esses novos cenários. Com isso, reflexões sobre a morte no âmbito digital são pertinentes, seguindo essa nova ambiência. O artigo apresenta um mapeamento das possibilidades de tratamento das redes sociais digitais de pessoas falecidas e como a morte é caracterizada nesses ambientes. Ainda, com auxílio da metodologia de análise de conteúdo de L. Bardin (2011), este artigo propõe uma análise do *site* *MyWishes*, que oferece uma gama de recursos que amparam no processo e manutenção de um legado digital de seus usuários. Logo, o estudo busca entender como o sobreviver na rede é apresentado com o auxílio dessa ferramenta, verificando a importância dada pela empresa à recursos que priorizam a permanência da memória do usuário que adere aos serviços. Conclui-se que, a ferramenta evidencia a memória digital, em níveis mais elevados do que uma simples organização da vida do usuário, devido à sua abrangência detalhada de informações que são depositada em um só lugar.

**Palavras-chave:** memória, habitar, redes sociais digitais, morte, ressurreição.

**Introdução**

A internet, e com ela as redes sociais digitais, mudaram diversos aspectos de nosso cotidiano. Dentre eles, o modo como nos preparamos para o fim da vida e como recebemos a morte de um ente querido, por exemplo. Estamos vivendo atualmente um momento de fluxo, quando muitos aspectos de nossas vidas estão se tornando digitalizados e em rede.

Temos passado muito tempo *on-line* e nossa vida pessoal e profissional achou seu caminho no mundo digital, tendo o ciberespaço como um grande repositório de informações pessoais, de por exemplo, contas de redes sociais digitais, *e-mails*, senhas de banco, etc. Mas, o que acontece com o nosso “eu” digital depois que deixamos esse mundo?

O novo coronavírus tem mudado rapidamente a forma como o ser humano pensa sobre a morte e, consequentemente, como nos relacionamos de forma presencial e virtual. Assim, no cenário atual, decorrente também da COVID-19, temos uma reconfiguração da vida *on-line* e *off-line*. Os meios em que arquivamos e documentamos nossos desejos e de entes queridos adquiriram novas formas, bem como práticas sociais, como cerimônias e funerais; o que provoca mudanças significativas em nossas vidas.

Porém, antes de nos debruçarmos sobre questões relativas à morte e memória nas redes sociais digitais, foco deste estudo, façamos primeiro, uma breve reflexão sobre a representação da morte através da história.

Renata Rezende (2015) pontua, que os regimes de historicidade de cada época, são concebidos de acordo com a forma como se vive a relação entre passado, presente e futuro, determinando também, como o homem se coloca diante da morte, de acordo com a sua cultura. Deve-se levar em conta, que a representação da morte nas sociedades de outrora, constitui um sistema coerente, segundo as crenças e costumes do povo estudado.

Segundo Silva (2012), dentro de uma mesma sociedade e cultura, é possível encontrar diferentes conjuntos interpretativos relacionados à morte. Um dos livros mais conhecidos na cultura Ocidental, a Bíblia, é repleto de questões acerca do tema. Como exemplo, um dos Dez Mandamentos (Êxodo 20:3-17), apresenta como uma de suas máximas: “'Não matarás”. Em conexão, Renata Rezende (2015) afirma que a presença dos mortos entre os vivos, é um tema que data da Antiguidade Cristã e deve sua sobrevivência à memória, que no vocabulário de seu contexto histórico possui vários sentidos, sendo esta, o centro do cristianismo através da representação do corpo de forma simbólica: “este é meu corpo que vos é dado; fazei isto em minha memória” (Lucas, 22, 19).

Percebe-se então, que a morte possui um caráter complexo, tratando-se também, de uma construção social que, segundo Silva (2012), só pode ser acessada e experimentada através do outro. Ronaldo Henn (2012) nos apresenta que, no decorrer do século XX, a cultura foi encontrando novos rumos em decorrência das estruturações do sistema midiático e, com isso, a morte também passa a integrar as lógicas que regem as mercadorias simbólicas transformando-se em segmento lucrativo. Freud (1987) sustenta que ninguém crê em sua própria morte. Para ele, estamos inconscientemente convencidos da nossa imortalidade.

Sobre a morte no ciberespaço, Öhman e Floridi (2018), em estudo que trata sobre a *digital afterlife industry* (DAI), em português, indústria de vida digital após a morte, afirmam que, dependendo da taxa de crescimento de usuários do Facebook, o número de perfis de pessoas mortas pode até superam o número de perfis de pessoas vivas antes do fim do século.

Percebe-se então, através dessa breve contextualização, que a rememoração é algo que acompanha o ser humano desde os primórdios e que adquire outras configurações através no ciberespaço.

Com isso, este artigo propõe uma análise sobre o *site MyWishes*, uma ferramenta que auxilia na organização de mensagens póstumas e gerenciamento de informações e redes sociais após a morte do usuário. Buscamos com isso, entender como essa ferramenta se configura como umlugar de ressurreição, onde o fim da vida não extingue o ser. Além disso, o estudo propõe um mapeamento das possibilidades de tratamento das redes sociais digitais de pessoas falecidas.

**A memória nas redes sociais digitais**

Primeiramente, faremos uma breve exposição sobre os cenários existentes em algumas redes sociais digitais com relação a perfis de pessoas falecidas e, em seguida, algumas possibilidades adotadas por usuários no intuito de, por exemplo, tentar preencher o vazio e a dor proporcionada pela partida de pessoas queridas.

Começando pelo Facebook, que possui uma seção[[2]](#footnote-2) inteira de perguntas e respostas sobre o tema. A rede social explica que, o usuário pode optar por indicar um contato, que funciona como um herdeiro, e que possui liberdade para cuidar da conta podendo transformá-la em um memorial ou excluí-la permanentemente da rede. As contas transformadas em memorial, dentre outras possibilidades, se transformam em um local onde amigos e familiares podem se reunir para compartilhar lembranças após o falecimento do usuário e apresentam a inscrição “*in memorian*”, ao lado do nome. O acesso à conta é restrito e as famílias têm apenas a possibilidade de gerenciar o conteúdo dos comentários.

Para o Instagram, há possibilidades semelhantes: deletar a conta ou transformá-la em memorial[[3]](#footnote-3). Depois que a conta é transformada em memorial, nenhum usuário pode alterar as publicações nela existentes e as publicações que foram realizadas pela pessoa falecida permanecerão no Instagram e ficarão visíveis no perfil. Qualquer pessoa que se depare com o perfil de alguém que tenha morrido pode relatar o falecimento à rede, que irá transformar a conta em memorial. Porém, apenas parentes diretos conseguem solicitar a exclusão da conta.

Já para o Twitter, há apenas a possibilidade de remoção da conta através do preenchimento de um formulário[[4]](#footnote-4) por uma pessoa próxima. O Twitter removerá as imagens da pessoa falecida em determinadas circunstâncias, caso solicitado. Porém, as contas dos usuários cadastrados nessa rede social, podem ser desativadas não apenas em função de sua morte. Caso alguma conta esteja sem nenhuma atividade há mais de seis meses, poderá ser removida permanentemente pela rede social de forma automática.

Por último, analisamos o LinkedIn. Para essa rede social, também há apenas a possibilidade de encerramento da conta através de preenchimento de formulário[[5]](#footnote-5) padrão da empresa.

Em termos legais, ao falarmos do trato de dados em ambiente digital, há, no Brasil, a Lei n.º 12.965/14, conhecida como *Marco Civil da Internet*[[6]](#footnote-6) (“MCI”), que tem por objetivo central reger a relação entre empresas prestadoras de serviços ou produtos associados à internet e os seus respectivos usuários dentro do território nacional.

Em seu livro, *Herança Digital no Brasil*, Pereira (2018) afirma que a ausência de lei específica relacionada a herança de conteúdos digitais no país leva a divergências em decisões. Ao analisar o *Marco Civil da Internet*, o autor pontua a ausência de definições a cerca de bens disposto no ambiente digital, e afirma que

De fato, deixou a Lei n° 12.965/2014 de contemplar questões cuja regulamentação se faz imperiosa nos nossos dias, tão marcados pela vida digitalmente ativa. Em plena era de armazenamento de bens em meio digital, situação que suscita diversos questionamentos de natureza sucessória, deixou o Marco Civil da Internet de sequer fazer menção a tal questão jurídica, menos ainda de oferecer qualquer orientação de solução da celeuma que instaurou sobre o tema (PEREIRA, 2018, p. 38-39)

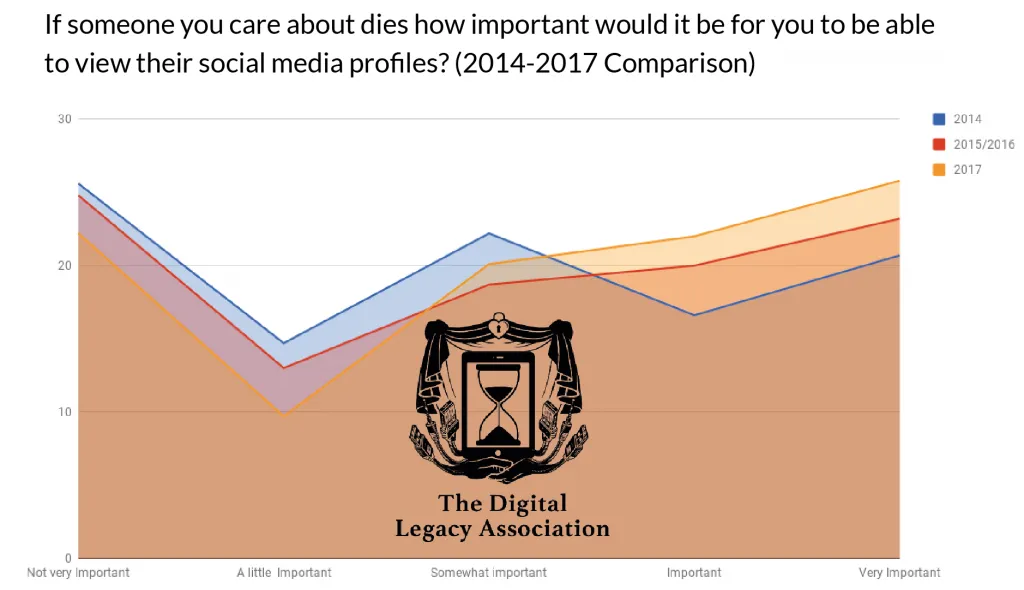
O atual panorama digital da sociedade faz do planejamento sucessório[[7]](#footnote-7) e da herança digital uma discussão inevitável. Da mesma forma como o patrimônio acumulado em vida recebe disciplina pela legislação brasileira, a fim de solucionar eventuais conflitos de partilha entre os herdeiros, o patrimônio virtual também precisa ser pensado e planejado. E isso independe de valoração econômica ou não.

Além das possibilidades padrões e éticas de tratamento de perfis de pessoas falecidas na rede já citadas acima, nos deparamos ainda, com atitudes de usuários que enfatizam a necessidade humana de manter um vínculo com aqueles que já se foram, como se virtualmente eles pudessem ouvir os apelos publicados. Temos casos, por exemplo, de perfis nas redes sociais de pessoas famosas[[8]](#footnote-8) que, ao falecerem, atingiram um número maior de seguidores. “A morte midiatizada continua sendo um investimento coletivo derivado da esperança na vida. [...] A tentativa é fazer durar o que não deve durar. Construir, enfim, uma existência virtual para quem foi apartado abruptamente do mundo.” (BARBOSA, 2015, p. 15). Ainda, segundo Henn (2012),

nas redes sociais, que concentram hoje, século XXI, processos intensamente vivos da cultura contemporânea, a morte passa por uma série de apropriações com vivências múltiplas, que vão desde um perfil no Facebook em que alguém repentinamente falece e seu mural transforma-se em espaço de condolências e manifestações de carinho, até perfis *fakes* no Twitter em que personagens já mortos “ressuscitam” arregimentando uma série de seguidores [...] (HENN, 2012, p. 111)

De acordo com informação disponibilizada no *site* da *Digital Legacy Conference*[[9]](#footnote-9), a importância com que os usuários da rede do mundo todo dão à contínua visualização de perfis de pessoas que já se foram nas redes sociais digitais tem crescido nos últimos anos, segundo indicações do gráfico abaixo.

Figura 2[[10]](#footnote-10): Importância de visualização de perfil nas redes sociais de pessoas falecidas.



Fonte: <https://digitallegacyconference.com>. Acesso em 21/07/2020

Porém, em alguns casos, uma contínua visualização do perfil do usuário falecido pode não ser acalentadora o suficiente, levando à adesão de serviços que criam, por exemplo, um avatar daqueles que já se foram, com o auxílio de inteligência artificial, os chamados *chat bots*. Assim, há uma movimentação na rede baseada em comportamentos antigos daquele usuário, graças à inteligência artificial. Façamos um paralelo entre empresas que prestam esse tipo de serviço e o estudo[[11]](#footnote-11) do Instituto de Internet de Oxford (*Oxford Internet Institute*), de Öhman e Floridi, publicado em 2018.

O estudo, intitulado *An ethical framework for the digital afterlife industry*, alega que os “restos digitais” dos usuários devem ser tratados com o mesmo cuidado e respeito que os “restos físicos”, sem qualquer manipulação com fins lucrativos. O Código de Ética[[12]](#footnote-12) do ICOM (*International Council of Museums*[[13]](#footnote-13)) é usado como base para os pesquisadores - considerando que museus cuidam, dentre outras coisas, de restos físicos. O código informa que, restos humanos devem ser manuseados com respeito inviolável à dignidade humana. Com isso, o estudo afirma que é necessário que os “restos digitais” sejam vistos como fonte de informação. Ou seja, suas redes sociais digitais não podem ser usadas para o lucro, sendo dessa forma, de extrema importância a criação de um marco regulatório comumente adotado para garantir a dignidade daqueles que são lembrados *online*. Seria relevante ainda, com isso, a adesão desses padrões éticos por parte das empresas que prestam serviços de mensagens póstumas e/ou avatares do falecido.

O estudo afirma que, que para o desenvolvimento de uma abordagem ética para os usos digitais ser efetivada, o primeiro passo é averiguar as circunstâncias em que a memória do falecido será moldada pelos interesses comerciais.

**A ressurreição e a finitude na rede**

*MyWishes*[[14]](#footnote-14) é uma ferramenta grátis que, segundo a empresa, se dedica à forma como a sociedade pensa e se preparar para a morte *online*. Oferece uma gama de ferramentas, recursos e mecanismos de suporte que auxiliam no processo e manutenção de um legado digital que, dentre as possibilidades, proporciona a permanência de pensamentos pré selecionados do usuário, mesmo depois que o corpo físico não está mais presente. A empresa também trabalha e colabora com uma variedade de instituições de caridade sem fins lucrativos auxiliando, por exemplo, pacientes em estado terminal.

Tudo isso pode parecer, à primeira vista, um episódio de *Black Mirror*[[15]](#footnote-15) ou da série *Upload*[[16]](#footnote-16), mas já existem soluções no ciberespaço, com propostas ligadas à pós-vida, além do *site* mencionado. Alguns exemplos de serviços que se propõe a trazer soluções parecidas a seus usuários são: *Eternime[[17]](#footnote-17)* e *Replika[[18]](#footnote-18)*. Ambos os serviços garantem a criação de um avatar do usuário cadastrado.

A ilusão criada pelas imagens é a ilusão do fantasma ou do ícone. Ela não consiste de forma alguma em atribuir às imagens aquilo que se atribui à própria realidade. É até exatamente o contrário: ela consiste em atribuir à própria realidade o poder que é das imagens, o poder de representar. A ilusão imaginária consiste em crer que a realidade tem o poder de sua própria representação, em atribuir à realidade ausente representada pela imagem o poder de se apresentar ela mesma em imagem. (WOLFF, 2005, p. 38).

Nesse sentido, as colocações de Dal Bello (2013) são pertinentes. Segundo a autora, “observa-se que toda tecnologia de comunicação é, antes, uma tecnologia de criação e aperfeiçoamento dos suportes, instituindo condições para que a comunicação humana *suporte* a devoração do tempo e sublime as dores do espaço” (DAL BELLO, 2013, p. 59). Aqui nos cabe o conceito de pós-humano para uma reflexão mais adequada sobre o tema.

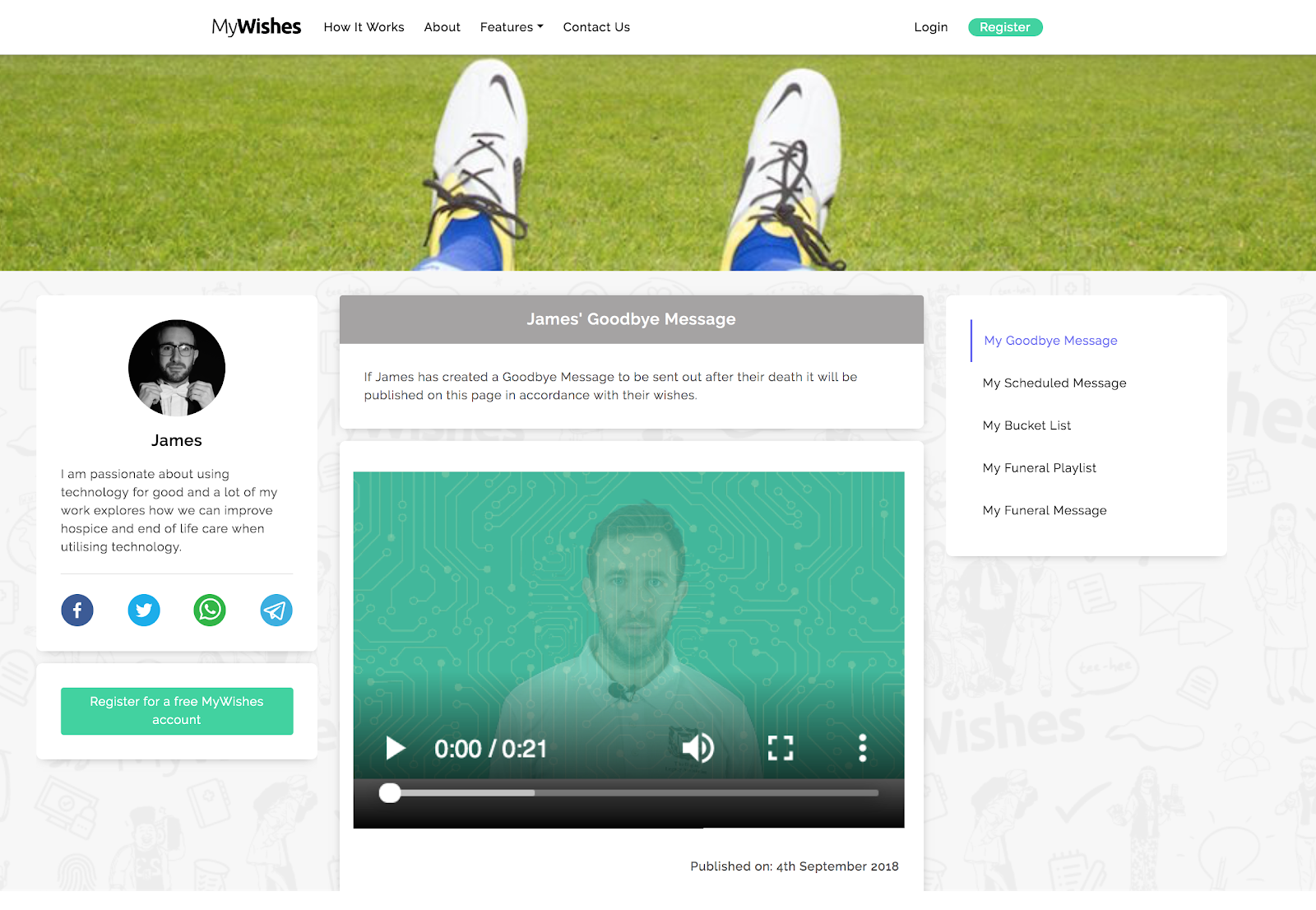
De modo geral, o termo pressagia “o futuro de outra espécie de corpo, nas interfaces do humano e do maquínico” (SANTAELLA, 2009, p. 105). Dito isso, retomando as colocações de Dal Bello (2016), é relevante resgatar o posicionamento da autora em sua afirmação, que abarca o conceito de pós-humano:

A obsolescência do corpo humano e a possibilidade de superação de suas fragilidades por meio das tecnologias (simulação ou preservação da memória e/ou da consciência em hardwares ou softwares, por exemplo) comparecem frequentemente nas discussões tangenciadas pelo conceito. (DAL BELLO, 2016, p. 16)

Entendemos que o conceito então, perpassa as ferramentas *Eternime* e *Replika*, citadas acima, na medida em que a possibilidade da presença continuada após a morte, enfatizam a contínua existência do ser.

*MyWishes* foi escolhido para essa análise por apresentar funções que possibilitam o usuário se preparar para sua morte não apenas digitalmente, mas também fora do ciberespaço.

De acordo com o *site*, os usuários que aderem aos serviços prestados geralmente buscam uma ferramenta que garanta a documentação de seus bens físicos e digitais e possibilite que informem os cuidados futuros com quaisquer dependentes que possam ter, como filhos e animais de estimação. Além disso, a ferramenta auxilia na elaboração do testamento, criação de uma *bucket list[[19]](#footnote-19)* e ajuda na preparação de itens para serem publicados em datas futuras específicas, o *MyWishes Goodbye Messages*, que possibilita o envio de mensagens para entes queridos, por exemplo, em seus aniversários futuros. Uma morte no espaço real, mas uma circulação programada no ciberespaço.

Figura 2: área reservada para as *Goodbye Messages* do *site MyWishes*

Fonte::[https://www.mywishes.co.uk/](https://www.mywishes.co.uk/press-kit). Acesso em 28/06/2020

À primeira vista, as *Goodbye Messages,* parecem ser o único elo que apresenta relação direta com a ideia de sobreviver na rede mas, após análise mais aprofundada dos recursos oferecidos pela ferramenta (a serem apresentados no próximo item desta pesquisa), adquirimos outras percepções.

Sobre esse recurso, depois que o usuário cria uma ou mais mensagens através do *site*, ele deve atribuir contatos confiáveis, que podem aceitar ou recusar a missão, para serem responsáveis por elas. Após a morte e quando o contato confiável atribuído achar que é a hora certa, ele precisará fazer o *login* na conta e ativar o processo de envio das mesmas em nome da pessoa que já se foi. O “executor digital” não tem a possibilidade de visualizar ou alterar as mensagens antes de serem distribuídas.

Em meio ao cenário da pandemia, o *site MyWishes* se adequou à situação e passou a oferecer apoio aos que contraíram a COVID-19, incluindo soluções para a organização e documentação de suas vidas, mediante à situação emergencial. Além disso, em adição aos serviços habitualmente prestados, o *site*[[20]](#footnote-20) passou a fornecer uma série de instruções e diretrizes, condizentes com o atual contexto, como forma de auxiliar os usuários a evitar o contágio da doença. Segundo o *site*, “documentar seus desejos pode ajudar a reduzir a ansiedade sobre seu tipo preferido de assistência, sobre suas finanças e seus entes queridos”, e reforça a necessidade desse tipo de planejamento, independentemente de uma pandemia ocorrer ou não.

Na contramão do *My Wishes*, há serviços como o *Postumer*[[21]](#footnote-21), que eliminam todo o vestígio digital da pessoa. O serviço possui objetivos opostos à ideia do *site* estudado, e pode ser aderido pelos usuários por diversas razões, como acabar de vez com o legado digital de uma pessoa.

Barbosa (2015) afirma que “O esquecimento que se deixa ver no corpo morto representado e encenado no mundo virtual constrói, por outro lado, o que poderíamos denominar morte limiar: uma morte que não é mas poderia ser” (BARBOSA, 2015, p. 15). Na rede, continuamos a ter acesso à imagens e vestígios que estão por todos os lados, nas lembranças que encontramos e, para alguns, esses vestígios podem ser dilaceradores. Com o *Postumer*, nos deparamos com uma das semelhanças entre o funcionamento da memória na *web* e da memória do ser humano: o apagamento.

Segundo Canavilhas (2004), “a memória, tal como a *web*, perde informação, embora acabe por manter sempre uma ténue ligação que poderá, em determinadas situações, permitir a recuperação da informação” (CANAVILHAS, 2004, p. 3). Os serviço oferecidos pelo *Postumer* apresentam a possibilidade de um apagamento forçado dos rastros digitais de uma pessoa. O serviço afirma que, uma vez apagados, os rastros não podem ser recuperados. Com isso, percebemos o caráter de dependência do ser humano com relação à memória em rede, estando ligada à ação humana, seja para sua permanência ou exclusão.

Em paralelo aos serviços mencionados acima, por meios legais e com aplicabilidade para os mais diversos fins, não apenas referente à restos digitais de pessoas falecidas, existe o “direito ao esquecimento” - que leva em conta que a *internet* é um banco de dados eterno onde não existe prescrição. No Brasil, esse direito não consta de nenhuma lei, tendo sido criado por juízes[[22]](#footnote-22). Formalmente, nasceu de proposta do desembargador Rogério Fialho Moreira, do Tribunal Regional da 5ª Região, e se transformou em [enunciado da 6ª Jornada de Direito Civil da Justiça Federal](https://www.conjur.com.br/2013-abr-25/direito-esquecimento-poe-risco-arquivo-historico-dizem-especialistas), que aconteceu em 2013. Segundo o enunciado 531 da mencionada Jornada[[23]](#footnote-23), “A tutela da dignidade da pessoa humana na sociedade da informação inclui o direito ao esquecimento”. Segundo Canário (2013) “[...] Isso quer dizer que a regra que protege a intimidade, a imagem e a vida privada de todos os cidadãos também se aplica ao caso de informações sobre o passado das pessoas: ninguém é obrigado a conviver eternamente com os erros ou desvios de sua vida pretérita.”[[24]](#footnote-24).

Percebe-se mais uma vez, que existem recursos legais relacionado ao trato de dados digitais, mas que ainda necessitam de ampla estruturação no meio jurídico.

Retomando os olhares para o objeto de pesquisa deste artigo, façamos uma análise sobre os itens oferecidos pelo serviço em seu *site*, de modo a entender as possibilidades oferecidas pela ferramenta e como ela se configura como umlugar de ressurreição.

***MyWishes*:uma análise**

Por meio de categorização, segundo propõe Bardin (2011), uma análise dos itens disponíveis no *site* estudado foi realizada de maneira a auxiliar o entendimento da lógica de tal ferramenta. O objetivo aqui, como dito anteriormente, é verificar a importância dada pela empresa à recursos que priorizam a permanência da memória do usuário que adere aos serviços, como um sobreviver na rede, e como se configura a circulação dos dados desse usuário . O resultado da categorização se encontra na tabela abaixo.

Tabela 1: Categorização itens do *site MyWishes*

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Categoria** | **Seção analisada** | **Descrição** |
| **Ênfase na memória** | *My Data* | Possibilita o *download* de fotos e vídeos armazenados no *site* |
| *My Trusted Contacts* | Os "contatos confiáveis" podem administrar quaisquer '*Goodbye Messages*' criadas pelo usuário |
| *My Goodbye Message* | A opção permite que o usuário escreva uma mensagem de adeus de forma privada |
| *My Online Accounts* | Possibilita documentar, em um único lugar, contas e serviços que o usuário utiliza, como contas de banco e redes sociais, de maneira informar o destino de tais contas após a morte |
| **Preparação para funeral** | *My Funeral Wishes* | Organização de detalhes do funeral como flores e localização, criação de *playlist* de músicas a serem tocadas no funeral, mensagem em vídeo ou escrita pelo usuário |
| **Organização pessoal** | *My Bucket List* | A Bucket List é uma lista de coisas que o usuário gostaria de fazer antes de morrer |
| *My Private Notes* | Seção de notas particulares para referência exclusiva do usuário |
| **Documentação** | *My Last Will and Testament* | Possibilita a criação de testamento |
| *My Advance Care Plan* | O planejamento antecipado dos cuidados é um processo que permite que o indivíduo planeje seus futuros cuidados de saúde e se, por exemplo, pretende doar seus órgãos |

Fonte: Elaboração própria

É importante ressaltar, que as categorias deste estudo foram criadas com base nas descrições dos itens disponibilizadas pela própria empresa, e que foram testados pela autora com o propósito de comprovar se as funcionalidades correspondiam ao informado no *site*. Uma conta foi criada no *site* para o desenvolvimento desta pesquisa para uma melhor compreensão da ferramenta mas, algumas seções não foram submetidas à simulações e testes mais aprofundados por exigirem informações específicas, como o *My Advance Care Plan,* que requer a inserção de números e contas *linkadas* às empresas que prestam esse tipo de serviço.

Oliveira Filho (2017) pontua que “a internet não se trata mais somente de uma biblioteca de Babel com o registro imagético invadindo a rede mundial de computadores: ela relaciona-se com uma nova configuração da memória. De uma memória individual para uma nova conexão com o outro.” (OLIVEIRA FILHO, 2017, p. 129). E, com essa afirmação de Wilson Oliveira Filho, iniciamos as reflexões sobre a primeira categoria da tabela, que se refere à memória.

A concepção da *internet* como um repositório de arquivo tem avançado para um outro nível. Um nível em que a rede evolui para além de um simples repositório, sendo assim, um lugar propício para um diferente tipo de viver, tendo sua finitude quando os indivíduos responsáveis pelas contas das redes sociais do falecido acharem conveniente. “Halbwachs (2006) lembra que a duração de uma memória está limitada à duração do grupo, porque se este não mais existir, não se pensará mais nele e, desta forma, não será possível reconstruir sua imagem” (RIBEIRO, 2015, p. 152).

Assim, a circulação dos dados do falecido e consequentemente sua memória na rede, através do objeto estudado, está atrelada aos indivíduos responsáveis por tal ação. Com isso, devemos considerar diferentes “tempos”.

Os múltiplos planos de organização do universo e sua complexa diversidade agem no ser vivo: “todo ser humano traz consigo o tempo do acontecimento/acidente/catástrofe (o nascimento e a morte), o tempo da desintegração (a senilidade que, via morte, conduz à decomposição), o tempo da reiteração (a repetição cotidiana e sazonal dos ciclos e ritmos e atividades), o tempo da estabilização” (Morin, 1986, p. 86). A morte é o acontecimento que une o irreversível e o tempo complexo. (HENN, 2012, p. 115)

Aos “tempos” indicados por Henn (Ibid.), acrescentamos o tempo de permanência na rede. Como mencionado anteriormente, nosso legado digital está sujeito à fatores externos. Ao analisarmos as possibilidade de *MyWishes*, encontramos a informação de que a empresanão se responsabiliza pelas ações dos contatos confiáveis (*Trusted Contacts*) estabelecidos pelo dono da conta, e o não cumprimento ou equívoco nos desejos do falecido não é de responsabilidade da empresa, como o envio das mensagens de despedida - as *Goodbye Messages*.

Sobre elas(que ficam a cargo dos *Trusted Contacts)*, ainda na categoria “Ênfase na memória”, percebe-se que, seu funcionamento se relaciona como uma extensão da memória, evidenciando o desejo último do ato comunicacional do ser humano.

Poder, de certa forma, ter experiências afetivas através de mensagens com aqueles que já se foram, reflete não apenas a relação de intriga do ser humano com relação ao fim da vida, mas sua necessidade de afetos. De acordo com Barbosa (2015), “não existe vida sem afetos. Ao longo da vida, marcada por encontros singulares e definitivos, há a construção de redes de afeto que definem nossa existência” (BARBOSA, 2015, p. 13). E, para essa contínua existência e manutenção de afetos, nos deparamos com novas formas de habitar.

Com isso, temos habitado, simultaneamente, dois território: o físico e o digital. A possibilidade que o *site* analisado proporciona de armazenar, em seu próprio repositório, fotos e vídeos (disponíveis na seção *My Data*), possibilita mais uma opção de habitar: um habitar no ciberespaço, que reconfigura todo esse processo.

O *MyWishes*, diferente de outros espaços em rede, proporciona um ambiente propício para a organização do legado digital do usuário, oferecendo um suporte para a permanência do indivíduo no meio social, ainda que sem interações[[25]](#footnote-25) com outros usuários.

Halbwachs (2006 *apud*. RIBEIRO, 2015, p. 153) afirma que

para preencher a lacuna da memória dos mortos, os sujeitos retornam a espaços, onde é possível reconhecer por imagens (vistas ou evocadas) outras imagens que formam com elas um conjunto, um quadro de memória e, a partir daí, esses sujeitos reencontram as ligações com seus mortos a partir dos outros e neles se expressam por meio de pensamentos ou sentimentos.

A escolha do usuário em manter suas redes sociais ativas, informada na seção *My Online Accounts*, confere a esses espaços, um lugar de sepultamento digital daqueles que já se foram. Segundo Barbosa (2004, p. 4), “a memória confere imortalidade.” Aqui, nos deparamos com uma imortalidade auxiliada por recursos além da memória biológica; uma memória externa, auxiliada por dispositivos [artificiais](https://pt.wikipedia.org/wiki/Artefato) que dão suporte à memória humana.

É interessante a reflexão de que a morte natural deu lugar à morte *online*. Uma morte que consegue dispor de algo que a morte do corpo físico não consegue usufruir: a opção da finitude em momento pré-determinado.

A respeito do *My funeral Wishes*,vemos que, com o auxílio da ferramenta, há uma expansão do cemitério como o conhecemos. “Hoje, na sociedade da informação, os acordos são concluídos no contexto da esfera midiática e, o cemitério, também acompanhou as transformações da era digital” (RIBEIRO, 2015, p. 140). Ainda sobre essa seção, percebe-se que a mesma foi enquadrada na categoria “Preparação para funeral”, como vemos na tabela. Porém, pode ser pensada também, como um espaço dedicado à memória, tendo em vista que, além da organização física do funeral, como flores e localização, há a possibilidade de organização de músicas e a criação de mensagem ou vídeos para o sepultamento. Assim, existe a possibilidade de arquivamento dessas mídias para possíveis visualizações futuras, podendo, dessa forma, se encaixar também na categoria “Ênfase na memória”.

As categorias “Organização pessoal” e “Documentação” se assemelham em seu caráter organizacional. No entanto, como qualquer informação física ou digital, ao ser acessada por aqueles que possuem a permissão necessária para tal, podem provocar gatilhos de memória.

A seção *My Bucket List*,enquadrada na categoria “Organização pessoal”, por exemplo, é dedicada à organização de afazeres antes do fim da vida. Ela possui a opção de ser compartilhada, via redes sociais digitais, ou tornada pública no perfil do *MyWishes.* Segundo o *site*, isso pode evocar pensamentos e conversas entre amigos e familiares sobre os objetivos impostos e atuar no indivíduo, quando em vida, como um fator motivacional para alcançá-los. O ser humano é movido por objetivos e esses objetivos deixam rastros. Segundo Barbosa (2015, p. 13)

a certeza mais absoluta de todo o ser humano ao encontrar o mundo é que sua vida caminhará inexoravelmente para o fim. Entre o início e o fim, entretanto, há toda uma trajetória marcada por afetações, coisas que nos deixam marcas, algumas das quais permanecem teimando em nossas lembranças.

O outro item categorizado na seção “Organização pessoal” é o *My Private Notes*. Para essa opção, não há possibilidade de compartilhamento das anotações criadas pelo usuário, sendo de uso exclusivo para referências pessoais, como por exemplo, um registro das conversas que pretende-se ter com entes queridos ou das tarefas necessárias para obter os dados de estado físico e digital em ordem.

Por último, a categoria “Documentação” não apresenta potencial com ênfase na memória ao passo que sua função é a organização de bens pessoas e últimos desejos.

Após a categorização das seções do *site*, foi possível definir em qual categoria o *MyWishes* se encontra, nos termos apresentados pelo estudo do Instituto de Internet de Oxford, citado anteriormente. Apresentamos então, nessa pesquisa, dois tipos de categorização: a categorização das seções do *site*, de modo a entender sua funcionalidade e objetivos e, a partir dela, seu enquadramento geral dentro da categorização proposta no estudo que leva em conta a *digital afterlife industry* (DAI), em português, indústria de vida digital após a morte.

Segundo esse estudo (de Öhman e Floridi (2018)), a *digital afterlife industry* é dividida em quatro categorias: (1) serviços de gestão de informações, que, de forma geral, ajudam o usuário a criar seu testamento digital e o que deseja fazer com seus restos digitais; (2) serviços de mensagens póstumas; (3) serviços de memoriais *on-line*, que oferecem um espaço para que o falecido possa ser lembrado; e (4) 'serviços de recriação', que usam os dados pessoais do usuário que já faleceu para gerar novo conteúdo, usualmente por meio de *chat bots*.

Percebe-se que o *MyWishes* se encaixa nas categorias (1) e (2). Apesar de possuir um espaço para definição do destino de suas redes sociais, o serviço não apresenta espaço em seu próprio *site* para o luto, como é possível no Facebook, por exemplo, em que o perfil do usuário pode ser transformado em memorial. Não se encaixando assim, na categoria (3). A categoria (4) não define o ambiente estudado nesse artigo, já que o *site* não oferece criação de avatares, por exemplo.

O que existe, após o fim da vida, é incerto e a preocupação do ser humano em se manter vivo, de alguma forma, não se iniciou nos tempos em que vivemos. A morte, experiência que não podemos vivenciar para depois contá-la, encontra na *web*, uma forma de prolongar, mesmo que artificialmente, a vida do ser humano. A tranquilidade do leito é substituída pela constante (e às vezes insistente) rememoração através das redes.

**Considerações finais**

Percebe-se que o trato com os perfil de usuários falecidos das redes sociais digitais, apresentadas nesse artigo, nem sempre possuem características que priorizam a memória, como o Facebook, por exemplo, derrubando a premissa de que as redes são sempre configuradas como lugar de rememoração. Conclui-se ainda, que em tempos de redes sociais digitais, nos deparamos com o fim da vida atrelado ao espetáculo e a um ambiente de consumo.

No cenário brasileiro, apesar da existência de opções legais que permeiam o trato de dados pessoais digitais, ainda não há soluções específicas com relação à herança de bens *online* para familiares nas mais distintas situações e contextos.

Com relação à ferramenta analisada, as possibilidades proporcionadas pelo *site* *MyWishes* evidenciam novas formas de se viver e de experimentar o tempo e o espaço. Ferramentas como essa, evidenciam a relação de intriga do ser humano com relação ao fim da vida e auxiliam na manutenção da memória deixada aos que ficam, criando temporalidades e outras espacialidades.

A análise realizada do *site*, através de categorização, possibilitou a compreensão de que, ao contrário da hipótese inicial, a ferramenta possui uma ênfase mais intensa na memória do que uma simples organização da vida física e/ou digital do usuário. As opções oferecidas pelo *MyWishes* possuem ligação direta com a memória tendo em vista sua abrangência detalhada da vida do usuário, depositada em um só lugar, auxiliando na memória de longo prazo dos que ficaram responsáveis por todo o repositório de informações. Um repositório em que aqueles que possuem seu acesso, podem consultar à vontade.

Assim, a ferramenta guarda também, aquilo que ninguém e nenhum grupo que não tenha sido habilitado pelo usuário falecido pode obter: uma memória e um passado específicos.

**Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, UMESP, São Bernardo do Campo, SP. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_573.pdf> Acesso em: 29/12/2019

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei Nº 12.965, de 23 de Abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm> . Acesso em: 25/06/2020

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Enunciado nº 531**, VI Jornada de Direito Civil, realizado em 11 e 12 de março de 2013. Disponivel em: <https://www.cjf.jus.br/enunciados/enunciado/142>. Acesso em: 27/06/2020

CANAVILHAS, João Messias. **A internet como memória**.<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 2004.

CANÁRIO, Pedro. **Enunciado do CJF põe em risco registros históricos.** Revista Consultor Jurídico, 25 de abril de 2013. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2013-abr-25/direito-esquecimento-poe-risco-arquivo-historico-dizem-especialistas>. Acesso em: 27/06/2020

DAL BELLO, Cíntia. Subjetividade e tele-existência na era da comunicação virtual: o hiperespetáculo da dissolução do sujeito nas redes sociais de relacionamento, 2013, 227 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_\_\_\_. *Black Mirror*: Tele-existência, vida e morte em “*Be right back*”, **Revista Belas Artes**, 2016, p. 1-20. Disponível em: <https://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/21/black-mirror.pdf>. Acesso em 21/07/2020.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**.Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FREUD, Sigmund. **Sonhos com mortos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1987

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006

HENN, Ronaldo. **Os mortos vivem no Twitter**: outras camadas da morte como acontecimento. In: Jornalismo e acontecimento: diante da morte. MAROCCO, Beatriz et al (orgs.). Florianópolis: Insular, v.3, 2012

ÖHMAN, Carl; FLORIDI, Luciano. An ethical framework for the digital afterlife industry. **Nature Human Behaviour**, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-018-0335-2>. Acesso em 27/06/2020

OLIVEIRA FILHO, Wilson. A memória-em-rede: Youtube, um arquivo mcluhaniano para além das imagens e das coisas. In: **McLuhan e o cinema.** Rio de Janeiro: Verve, 2017

PEREIRA. Gustavo Santos Gomes. **Herança Digital no Brasil**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura e cognição. Porto Alegre: Sulina, 2008

RIBEIRO, Renata. **A morte midiatizada**: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói, RJ: Eduff, 2015

#### ROVER, Tadeu. **Direito ao esquecimento criou obrigações para veículos de comunicação**. Revista Consultor Jurídico, 28 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-ago-28/direito-esquecimento-criou-obrigacoes-meios-comunicacao>. Acesso em 27/06/2020

SANTAELLA, Lúcia. Pós-humano, um conceito polissêmico. In: TRIVINHO, Eugênio (Org.). **Flagelos e horizontes do mundo em rede**: política, estética e pensamento à sombra do pós-humano. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, Gisele. **Imaginário da morte, o acontecimento noticioso primordial,** Revista EJM - Estudos em Jornalismo e Mídia, 2012, p. 462 a 474. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p462>. Acesso em 15/01/2020.

WOLFF, Francis. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005.

#### 

1. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Integrante do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias”. E-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/103897939701143>. Acesso em: 28/06/2020 [↑](#footnote-ref-2)
3. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/instagram/231764660354188?helpref=related>. Acesso em 28/06/2020 [↑](#footnote-ref-3)
4. Disponível em: <https://help.twitter.com/forms/privacy>. Acesso em 28/06/2020 [↑](#footnote-ref-4)
5. Disponível: <https://www.linkedin.com/help/linkedin/ask/ts-rdmlp>. Acesso em 03/01/2020 [↑](#footnote-ref-5)
6. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 25/06/2020 [↑](#footnote-ref-6)
7. O termo se refere à destinação dos bens do falecido a quem é de direito, seja por testamento ou por sucessão legítima, segundo o Art. 1.829, do código civil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm>. Acesso em 25/06/2020 [↑](#footnote-ref-7)
8. Como exemplo, apresentamos o caso do apresentador Gugu Liberato, que ganhou uma enorme quantidade de seguidores em seu perfil no Instagram após o anúncio de sua morte, em novembro de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3dHO8MS> . Acesso em: 27/06/2020 [↑](#footnote-ref-8)
9. A Digital Legacy Conference é uma conferência anual que explora morte, luto e internet. Disponível em: <https://digitallegacyconference.com/>. Acesso em: 21/07/2020 [↑](#footnote-ref-9)
10. Tradução da autora: “Se alguém que você gosta morresse, qual a importância de você poder ver o perfil da rede social dessa pessoa?” (2014-2017 comparação) [↑](#footnote-ref-10)
11. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-018-0335-2>. Acesso em: 02/01/2020 [↑](#footnote-ref-11)
12. Disponível em:<https://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/code-of-ethics/>. Acesso em 02/01/2020 [↑](#footnote-ref-12)
13. Organização não governamental que estabelece padrões profissionais e éticos para as atividades dos museus. Disponível em: <https://icom.museum/en/>. Acesso em: 02/01/2020 [↑](#footnote-ref-13)
14. Em 2013, a empresa lançou o *DeadSocial*, o primeiro serviço oferecido pela empresa, que permitiu que pessoas de todo o mundo pensassem e planejassem suas vidas (e morte) *on-line*. Os comentários e ideias recebidas durante sua existência, levaram o *DeadSocial* a evoluir para *MyWishes*, no início de 2019. [↑](#footnote-ref-14)
15. Série de televisão Britânica disponível no serviço de streaming Netflix. O episódio em questão é o Episódio 1 - “*Be Right Back*”, em português, “Volto já”, da Temporada 2. O episódio trata de uma personagem que, por meio de ferramenta auxiliada por inteligência artificial, continua em contato com seu marido que já faleceu, permitindo que ela receba notícias e até se comunique com ele. [↑](#footnote-ref-15)
16. *Upload* é uma série de ficção científica, ambientada no ano de 2033, em que os humanos são capazes de “carregar” a si mesmos para uma vida virtual de sua escolha após a morte. [↑](#footnote-ref-16)
17. *Eternime* coleta pensamentos, histórias e memórias, enviadas ao sistema pelo próprio usuários. Em seguida, o sistema cria um avatar inteligente, que segue os padrões de informações enviados. Este avatar permitirá que outras pessoas no futuro acessem as memórias enviadas anteriormente. Disponível em: <http://eterni.me/>. Acesso em: 20/05/2020. [↑](#footnote-ref-17)
18. Com auxílio de inteligência artificial, o *site* constrói um clone digital do usuário. Funcionando como um amigo virtual, o usuário necessita responder o que fez naquele dia, seus *hobbies*, etc. Assim, ele analisa seus gostos pessoais para que consiga imitar os padrões de comportamento e, aos poucos, virar uma réplica de quem o utiliza. Disponível em: <https://replika.ai/>. Acesso em: 20/05/2020 [↑](#footnote-ref-18)
19. Lista de coisas a fazer antes de morrer. [↑](#footnote-ref-19)
20. Disponível em: <https://learn.mywishes.co.uk/covid-19/>. Acesso em: 25/06/2020 [↑](#footnote-ref-20)
21. Disponível em: <http://postumer.com/>. Acesso em: 01/01/2020 [↑](#footnote-ref-21)
22. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-ago-28/direito-esquecimento-criou-obrigacoes-meios-comunicacao>. Acesso em: 27/06/2020 [↑](#footnote-ref-22)
23. Disponível em: <https://www.cjf.jus.br/enunciados/enunciado/142>. Acesso em: 27/06/2020 [↑](#footnote-ref-23)
24. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2013-abr-25/direito-esquecimento-poe-risco-arquivo-historico-dizem-especialistas>. Acesso em 27/06/2020 [↑](#footnote-ref-24)
25. Segundo Primo (2008) o termo interação se refere à ação (ou relação) que acontece entre os usuários de uma rede. [↑](#footnote-ref-25)